



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS**  
**Faculdade de Direito e Relações Internacionais- FADIR**  
**Curso de Relações Internacionais**

**Glaucia Carvalho Sena**

**Clube da Luta: princípios anarquistas na obra de Chuck Palahniuk**

**DOURADOS-MS**  
**DEZEMBRO- 2018**

**Glaucia Carvalho Sena**

**Clube da Luta: princípios anarquistas na obra de Chuck Palahniuk**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora da Universidade Federal da Grande Dourados, como pré-requisito para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais

Orientador(a): Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Simone Becker

**DOURADOS-MS**

**DEZEMBRO- 2018**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

S474c Sena, Glaucia Carvalho  
Clube da Luta: princípios anarquistas na obra Chuck Palahniuk [recurso eletrônico] / Glaucia Carvalho Sena. -- 2018.  
Arquivo em formato pdf.

Orientador: Simone Becker.  
TCC (Graduação em Relações Internacionais)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2018.  
Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:  
<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

I. Clube da Luta, princípios, características, anarquismo. I. Becker, Simone. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.



## ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Em 03 de dezembro de 2018, compareceu para defesa pública do Trabalho de Conclusão de Curso, requisito obrigatório para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais, a aluna **Glaucia Carvalho Sena** tendo como título "**Clube da luta: princípios anarquistas na obra de Chuck Palahniuk.**".

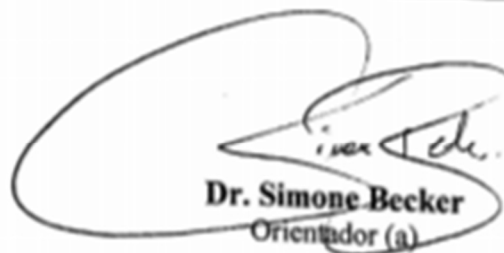
Constituíram a Banca Examinadora os professores Dr. Simone Becker (orientador), Me. Arthur Banzatto (examinador) e Dra. Laura Gislot (examinador).

Após a apresentação e as observações dos membros da banca avaliadora, o trabalho foi considerado aprovado.

Por nada mais terem a declarar, assinam a presente Ata.

Observações: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Assinaturas:

  
**Dr. Simone Becker**  
Orientador (a)

  
**Me. Arthur Banzatto**  
Examinador (a)

  
**Dra. Laura Gislot**  
Examinador (a)

Aos meus pais Roberto Rocha Sena e Ana Márcia  
Carvalho Sena.

A minha irmã Fernanda Carvalho Sena.

A minha avó Ibê da Rocha Sena.

Em memória de meu avô Santo Botelho Sena.

## **AGRADECIMENTOS**

A oportunidade de poder ingressar em uma Universidade Pública Federal.

Ao professor Prof., Dr. Roberto Fernandes por ter me auxiliado no início desse trabalho.

A Prof.<sup>a</sup>, Dr.<sup>a</sup>, Kátiuscia Moreno Galhera, pela orientação, atenção, dedicação, confiança e disponibilidade de tempo. Por me inspirar, por ter acreditado no meu trabalho e por não me deixar na mão.

As pessoas incríveis que conheci durante esses anos e que fizeram parte dessa jornada.

“Há uma categoria de homens e mulheres jovens e fortes que querem dar a própria vida por algo. A propaganda faz essas pessoas irem atrás de carros e roupas de que elas realmente não precisam. Gerações têm trabalhado em empregos que odeiam para poder comprar coisas de que realmente não precisa.”

Chuck Palahniuk

## **RESUMO**

O trabalho que você lerá agora tem como objeto de análise o livro Clube da Luta do autor norte-americano Chuck Palahniuk, a partir da leitura desse livro a proposta é observar dentro da obra características de um movimento social, o anarquismo. Depois de defini-lo sob duas abordagens sendo a primeira tradicional e a segunda ontológica, partimos para descrição da obra propriamente dita, definindo o que seria o clube da luta como uma coletividade, para então ao fim traçarmos pontos convergentes entre as características do clube com o anarquismo. Para melhor compreensão, trabalhamos em três capítulos, sendo cada um deles sobre cada elemento do trabalho, primeiro o anarquismo, no segundo capítulo o clube e no terceiro os princípios do anarquismo no clube.

Palavras-chave: Clube da Luta, características, princípios, anarquismo.



## **ABSTRACT**

The work you will read now has as its object of analysis the book *Fight Club* by the American author Chuck Palahniuk, from reading this book the proposal is to observe within the work characteristics of a social movement, anarchism. After defining it under two approaches, the first being traditional and the second ontological, we set out to describe the work itself, defining what would be the fighting club as a collectivity, and then, finally, to draw converging points between the characteristics of the club with its own. anarchism. For better understanding, we work on three chapters, each of which is about each element of the work, first anarchism, the second chapter the club, and the third the principles of anarchism in the club.

Keywords: *Fight Club*, characteristics, principles, anarchism.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>I- O ANARQUISMO</b> .....	14
1.1 Anarquismo tradicional.....	15
1.2 Anarquismo ontológico.....	20
<b>II- O CLUBE</b> .....	29
2.1 Narrativa.....	30
2.2 Projeto Desordem e Destruição.....	34
2.3 Masculinidade hegemônica.....	36
<b>III- OS PRINCÍPIOS ANARQUISTAS NO CLUBE DA LUTA</b> .....	38
3.1 Revolta.....	38
3.2 Crítica à sociedade de consumo e ao sistema capitalista.....	39
3.3 Referência à sociedade do espetáculo.....	40
3.4 Princípios anarquistas- sociedade, liberdade e propriedade .....	41
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	46

<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>48</b>
--	-----------

## INTRODUÇÃO

A ideia de escolher o Clube da Luta como ponto de partida, surgiu da lente subjetiva de compreendê-lo como a representação do anarquismo, uma obra literária que não tinha esse objetivo quando escrita e publicada há vinte anos pelo autor norte americano Chuck Palahniuk. Ao término da leitura a sensação é a de que o autor tinha a pretensão não só de escrever mais um livro e lucrar com as vendas como também expressar a própria revolta contra as formas de poder e dominação.

Para nós, o conteúdo da narrativa se tratar de um alerta para despertar nos leitores o ímpeto de questionar o conjunto de valores, normas e regras da sociedade atual, marcada pelas desigualdades e injustiças sociais, consumo como forma de satisfação pessoal, crises econômicas, intolerância e disseminação de discursos de ódio voltados para as minorias.

Quando apareceram homens que se sentiram sufocados pelo ambiente social em que eram obrigados a viver, que sentiram a dor dos demais como se ela fosse a sua própria, e quando estes homens se convenceram de que boa parte do sofrimento humano não é consequência inevitável das leis naturais ou sobrenaturais inexoráveis, mas, ao contrário, que deriva de realidades sociais dependentes da vontade humana e que podem ser eliminados pelo esforço humano (MALATESTA, 2009, p.4)

Chuck Palahniuk é um escritor e jornalista autor do livro Clube da Luta, o romance publicado pela editora *WWW Norton* nos Estados Unidos, traz como personagens principais o anti-herói<sup>1</sup> Tyler Durden, o segundo sem nome, mas que pode ser chamado de Narrador e a única personagem feminina da narrativa Marla Singer.

O enredo sobre a vida do Narrador, um homem sem muitas ambições, preso a uma realidade que está apresentada diante dele, e que sem entender muito ou concordar, apenas age sem questionar. Entediado, ele cria outra personalidade, nomeia Tyler Durden, sendo completamente diferente dele em todos os sentidos e livre de maneira tal que ele não pode ser. A partir deste ponto, os dois juntos começam a espalhar clubes da luta clandestinos, primeiro pela cidade e quando se dá conta, existem várias pelo país.

---

<sup>1</sup> Anti-herói é o termo que designa o protagonista que não possui as virtudes tradicionalmente atribuídas aos heróis.

As coisas começam a sair do controle quando o clube ganha uma quantidade enorme de membros e o que parecia ser só encontros aos fins de semana, ganha proporções maiores e se transforma em táticas e ações práticas calculadas para o plano dos dois protagonistas, ao qual dão nome de Projeto Desordem e Destruição;

E então vem a fumaça, que começa a sair das janelas quebradas. A equipe de demolição irá detonar a carga explosiva primária em uns oito minutos. Essa carga primária explodirá a carga da base, as colunas de sustentação ruirão e a série de fotos do edifício Parker-Morris estará em todos os livros de história (PALAHNIUK, 2012, p.12)

O filme Clube da Luta do diretor de cinema David Fincher, não é apenas uma adaptação, é uma outra obra, distinta e com sujeitos e valores diferentes do livro, enquanto que no livro, os personagens parecem fazer críticas ao estilo de vida da sociedade que produz e trabalha para consumir e adquirir *status social*, o filme por si só é um produto comercial, tendo sua estreia em 29 de outubro de 1999 distribuída pelos estúdios da produtora e distribuidora 20th Century Fox, com o investimento de US\$63 milhões e faturamento de US\$ 101 milhões. Traz no elenco os atores protagonistas Edward Norton intérprete do Narrador, Brad Pitt como Tyler e Helena Bonham Carter interpreta Marla.

O livro Clube da Luta nada mais é do que uma união de insatisfeitos, da descrença nas instituições, contra as autoridades, valores e crenças morais, relações entre trabalho, consumo e propaganda, e podemos usar de conceitos para explicar a criação e as ações do clube da luta, a motivação por trás, o que possibilita que ele seja visto dentro de algo maior e para além disso, é possível que seja visado na qualidade de um protótipo muito específico.

Se para Errico Malatesta (1853-1932) anarquista italiano, quando homens se sentem sufocados e se dão conta de que todo o sofrimento humano deriva das realidades sociais criadas pelos próprios seres humanos e que esta realidade pode ser eliminada, abre-se então caminho para o que deveria conduzir ao anarquismo (Malatesta,2009)

O sucesso do anarquismo, porém, variou muito porque ele é um movimento e não um partido. É um movimento que tem mostrado grande poder de renovação, que foi desenvolvido a partir de condições sociais existentes, moldado por influências culturais e expresso sob várias formas de ação, sendo por elas modificado. O anarquismo é em resumo, como a fênix que desperta num deserto, que começa a florescer, uma ideia que nasceu pela única razão que fez com que as ideias renasçam: o fato que preenchem alguma necessidade profundamente

sentida pelo indivíduo, mesmo quando essa necessidade não chega a ser aberta expressamente (WOODCOCK, 1981, p.52)

Segundo o autor George Woodcock, anarquismo por vezes é confundido com desordem e caos e aquele que se identifica como anarquista é percebido desde um niilista, passando por um inconsequente que abandonou princípios e pior, até um terrorista.

A origem da palavra anarquismo envolve uma dupla raiz grega: archon, que significa governante e o prefixo an, que indica sem. Portanto, anarquia significa estar ou viver sem governo. E, por definição, o anarquista é o indivíduo que se propõe a criar uma sociedade sem Estado (WOODCOCK, 1981, p.11)

O anarquismo tradicional ou clássico do século XIX, tem como autores principais nomes como William Godwin, Max Stirner, Leon Tolstói, Errico Malatesta, Henry David Thoreau, Piotr Kropotkin, Emma Goldman, Pierre-Joseph Proudhon e Mikhail Bakunin, conteúdo presente em seus escritos sobre anarquismo, a negação ao Estado e a valorização da liberdade de todos os homens.

Em seus começos, a anarquia apresentou-se como uma simples negação. Negação do Estado e da acumulação pessoal do capital. Negação de toda espécie de autoridade. Negação ainda das formas estabelecidas da sociedade, embasadas na injustiça, no egoísmo absurdo e na opressão (KROPOTKIN, 2007, p.34)

O anarquismo ontológico<sup>2</sup> de Hakim Bey, pseudônimo de Peter Lamborn Wilson (1945- apresenta o conceito de Zonas Autônomas Temporárias (daqui por diante abreviada por TAZ) em oposição ao modelo tradicional<sup>3</sup> de abordagem, que confronta o Estado diretamente, sem planejamento que resulta numa prática ineficaz, e por consequência inútil e logo, sem os resultados esperados.

Por modelo tradicional de abordagem, Bey se refere a “Revolução” que para ele é o mesmo que dizer que um movimento fracassou no seu objetivo em completar o ciclo, não mudou nada, ou seja, a revolução não entrega aquilo que promete.

---

<sup>2</sup> Sobre esse termo, conferir sua obra intitulada *Caos; Terrorismo Poético e outros Crimes Exemplares*

<sup>3</sup> O anarquismo tradicional para nós, é aquele do século XIX, que se desdobra em várias vertentes ou correntes, e que propôs a revolução, muito embora nunca tenha conseguido tal êxito.

Primeiro, a revolução até hoje não nos levou à concretização desse sonho. A visão ganha vida no momento do levante-mas assim que a “Revolução” triunfa e o Estado retorna, o sonho e o ideal já estão traídos. Não deixo de ter esperança, nem deixo de ansiar por mudanças-mas desconfio da palavra revolução (BEY, 1992, p.5)

A TAZ não substitui a revolução, mas de acordo com Bey ela pode ser muito mais eficiente para cumprir os propósitos do movimento anarquista nas táticas também chamadas de levantes<sup>4</sup>, estão são mais viáveis e estratégicos.

O objetivo deste trabalho é analisar o Clube da Luta a partir do Anarquismo, partindo da hipótese que o Clube é anarquista, e logo, os princípios do anarquismo justificam todas as ações e motivações do Clube.

Sendo o Clube o nosso objeto e o Anarquismo o nosso tema, para nós é importante e por isso trazemos para o trabalho duas abordagens do Anarquismo. Ressaltamos que uma abordagem não se opõe à outra, logo o foco não está em definir qual delas seria a melhor ou a que mais se identifica o objeto desse trabalho.

A primeira chamamos de tradicional e dentro dele os autores mais conhecidos Mikhail Bakunin. A segunda abordagem é a ontológica de Hakim Bey, sendo a grande diferença entre elas, a crença de como a sociedade irá chegar no estágio de não ter mais autoridades e dominação. Enquanto que para os três primeiros autores era possível A Revolução, para Bey é o Levante.

Para tanto a pesquisa será dividida em três capítulos. O primeiro capítulo será uma breve passagem pela história do anarquismo; anarquismo tradicional; anarquismo de Hakim Bey, que como veremos, rompe com o tradicional. O segundo capítulo é dedicado a minuciosa investigação do nosso objeto, o Clube da Luta. Para encerrar, no terceiro capítulo levantamos pontos de correlação entre as estruturas do Clube e os princípios do anarquismo.

Este trabalho tem como bases metodológicas: natureza de caráter descritivo, fontes bibliográficas primárias e secundárias, revisão de literatura. Encerramos com as considerações sobre tudo o que foi exposto.

---

<sup>4</sup> Levante é uma palavra que segundo Hakim Bey, foi usada por historiadores para nomear as revoluções que não terminaram seu ciclo (revolução, reação, traição e a fundação de um Estado novo).

## I – O ANARQUISMO

“O poder é maldito. Isto é para ser dito, por isso sou anarquista”

Louise Michel

Esta seção tem por objetivo descrever os históricos no decorrer dos séculos XIX e XX no que tange explicar o surgimento do anarquismo. Está embasado no livro Surgimento e Breve Perspectiva Histórica do Anarquismo do pesquisador brasileiro Felipe Corrêa, sendo pouco modificado.

O surgimento do anarquismo relaciona-se a um contexto histórico particular da segunda metade do século XIX, que implicou mudanças sociais amplas e significativas. Os historiadores Lucien van der Walt e Steven Hirsch (2009) apontam que, durante o século XIX, o capitalismo desenvolveu-se e globalizou-se, a partir da integração das estruturas econômicas mundiais, dentro de marcos estabelecidos pela Segunda Revolução Industrial; ao mesmo tempo, os Estados Modernos consolidaram-se e levaram a cabo uma expansão imperial significativa ligada em grande parte ao aumento da produção mundial e às novas tecnologias desenvolvidas. Junto com a Revolução Industrial ocorre a consolidação do sistema capitalista.

O que possibilitou o advento do anarquismo foi a união das lutas de classes e mudanças sociais na segunda metade do século XIX como afirma Silva (2011):

É possível compreendermos a emergência do anarquismo, como intimamente ligada ao contexto histórico do século XIX de formação da classe trabalhadora. Neste contexto rico de lutas, os trabalhadores se organizaram e ameaçavam governos e patrões com o espectro do socialismo. O anarquismo surge desta efervescência das lutas dos trabalhadores na segunda metade do século XIX, num quadro de desenvolvimento industrial e tecnológico sem grandes precedentes, mas também como anteriormente mencionado, de formação de uma consciência de classe que envolve sistemas de referências, valores e tradições, que possuem raízes em lutas anteriores. Muito mais do que uma mera construção teórico-filosófica, o anarquismo fincou sua raiz exatamente no interior das discussões sobre quais seriam os meios de se atingir a sociedade socialista: discussões que se davam no contexto das lutas da classe trabalhadora (Silva, 2011, p.22-23)



Tais processos são acompanhados por um crescimento significativo da imigração de trabalhadores, com aumentos sem precedentes na migração transoceânica e intracontinental e ao mesmo tempo por um desenvolvimento significativo das tecnologias em geral, em especial dos transportes e das comunicações.

A promoção do racionalismo e a circulação de valores modernos como a liberdade individual e a igualdade perante a lei, que ganharam relevância com a Revolução Francesa e contribuíram com o enfraquecimento da influência religiosa na sociedade, também são aspectos a serem levados em consideração no contexto de surgimento do anarquismo. Assim como a reorganização das classes sociais e seu protagonismo em conflitos nas cidades e nos campos, que, em geral, acabaram contribuindo com o fortalecimento da noção de que a ação humana poderia modificar o futuro.

Em especial, os conflitos de classe fortaleceram a noção de que os oprimidos, por meio de sua ação, poderiam transformar a sociedade, noção favorecida pelo próprio surgimento e desenvolvimento das ideias socialistas durante o início do século XIX. Nesse contexto, surgem movimentos que, não se sentindo contemplados pelas ideologias políticas em voga, desenvolvem, a partir de uma inter-relação prática-teórica, os elementos fundamentais do anarquismo.

Este surge no seio da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), também conhecida por Primeira Internacional, em Londres no final da década de 1860 através da radicalização do mutualismo proudhoniano. O anarquismo, entre 1868 e 1894, já havia se desenvolvido significativamente e também havia sido difundido globalmente, e exerceu, até 1949, grande influência entre os movimentos operários e revolucionários, embora tenha continuado a exercer influência significativa em diversos movimentos sociais do período pós-guerra até a contemporaneidade, entre fluxos e refluxos.

### 1.1 Anarquismo tradicional

O século XIX, tempos de coroação do capitalismo e consolidação da burguesia, tempos de críticas sociais violentas, de ensaios revolucionários como na França em 1848 ou mesmo o da Comuna de Paris; de produção filosófica constante e crítica, de denúncias da miserável exploração do homem pelo homem; tempos de questionamentos e busca

Os anarquistas, se é que se pode encontrar algo em comum entre eles, têm como alvo o indivíduo, sujeito de si mesmo, sem representantes, sem hierarquia, sem domínios. Positivamente, eles preconizam uma nova sociedade e indicam os meios para chegar lá. Quase todos os anarquistas procuraram a revolução, alguns foram violentos, enquanto que outros apoiaram a violência.

Não existe somente um anarquismo, abstrato e definido, conceitualmente manejável e concretamente perceptível. Existem vários anarquismos (COSTA,1996, p.120)

Noam Chomsky<sup>5</sup> aponta que os anarquistas simpatizavam com o ideal democrático de Thomas Jefferson (presidente dos Estados Unidos de 1801 a 1809), ideal que pregava que o melhor governo é aquele que governa o menos possível. Ideia completada à de Henry David Thoreau<sup>6</sup> que dizia que o melhor governo é aquele que não governa em absoluto.

Os anarquistas sempre estiveram de acordo em relação ao fim último de seus propósitos, a derrocada do Estado, do sistema capitalista, contra todas as formas de autoridade e de poder, porém divergiam apenas quanto os métodos táticos mais convincentes ou eficazes para consegui-lo.

Os partidários de Tolstoi, próximos ao que se pode chamar de anarquismo cristão, não admitiam a violência em nenhuma circunstância. O inglês William Godwin esperava determinar mudanças mediante discussões. Proudhon e seus partidários propugnavam a mudança social através da proliferação das organizações cooperativas. Kropotkin aceitava a violência, mas a contragosto e somente porque considerava inevitável na revolução e está por sua vez inevitável na etapa do progresso humano. Bakunin em vários momentos teve dúvidas, mas combateu em barricadas e exaltou o caráter sanguinário da insurreição camponesa. Contrito chegou a dizer que as revoluções cruéis são necessárias, única e exclusivamente por causa da estupidez humana; mas a crueldade seria sempre um mal, um mal monstruoso e um grande desastre (COSTA, 1996, p.15)

---

<sup>5</sup> Conhecido como “pai da linguística moderna”, Chomsky é também conhecido pelas suas posições políticas de esquerda e pela sua crítica da política externa dos Estados Unidos. Chomsky descreve-se como um socialista libertário. Identifica-se com aquilo que é compreendido como anarco sindicalismo.

<sup>6</sup> Famoso pela publicação do ensaio *A Desobediência Civil*, publicado em 1849.

O que os historiadores sabem sobre os anarquistas. começou com a aparição de Mikhail Alexandrovich Bakunin (1814-1876) no contexto político internacional, outros grandes nomes como William Godwin (1756-1836), Henry David Thoreau (1817-1862) e Max Stirner (1806-1856), por exemplo, desenvolveram seus projetos e obras à parte do movimento.

Todos eles concordam que o homem possui em sua própria natureza, tudo o que é necessário e imprescindível para que possam viver em liberdade e harmonia social. Não acreditam que o homem tenha a natureza boa ou má, mas estão convencidos de que a natureza seja social. A essa percepção da natureza humana Pierre Joseph-Proudhon (1809-1865) chama de “irmanamente senso humano de justiça (imaneente ou inerente é o que está inseparavelmente contido na natureza de um ser ou de um objeto).

Kropotkin acha que uma sociedade livre seria uma sociedade natural. Godwin racional no sentido de que o homem é por natureza capaz de viver em uma sociedade livre, é evidente que aqueles que tentarem impor leis serão os verdadeiros inimigos da sociedade. E neste caso, seria o anarquista o regenerador que vai restabelecer o equilíbrio necessário para a sociedade (COSTA, 1996, p.16)

Contrários a união da autoridade e da centralização que foi gradativamente conquistando o poder político, econômico e social: o Estado. Todos o atacam com agressão, o consideram seu inimigo.

Bakunin enlaça o conceito de Estado e o de Deus e os proclama principais adversários da liberdade humana. Para Stirner todo Estado é uma tirania. Para Bakunin, é uma abstração devoradora da vida popular, um imenso cemitério. Para Malatesta, o governo rouba, destrói e paralisa pelos seus métodos de ação. Proudhon não cansa de repetir que o governo do homem e a servidão e define dramaticamente o que é ser governado: é ser guardado à vista, inspecionado, dirigido, legislado, regulamentado, parquado, doutrinado, predicado, controlado, calculado, apreciado, censurado, comandado, por seres que não tem nem o título, nem a ciência, nem a virtude (COSTA, 1996, p.17)

O diagnóstico para a atuação do anarquismo não é nada positivo, ele jamais se encontrou em toda a história do anarquismo, se visto a história oficial do movimento, uma vitória significativa na luta contra o Estado, o governo, a autoridade. Os anarquistas não fizeram mais nada até hoje, as comunidades falharam, as barricadas não vingaram e o próprio internacionalismo nunca encontrou um organismo à altura das aspirações dos que os planejam.

Das nuances diferentes do movimento anarquista, temos as mais relevantes que tiveram atuação relevante, norteadas por um líder à partir de suas próprias percepções, de Bakunin veio o Coletivismo, do russo Piotr Kropotkin (1842-1921) Comunismo-anárquico e de Stirner veio o Anarquismo individualista.

As bases do coletivismo bakuniano estão no discurso de Bakunin durante o Congresso da Liga da Paz e da Liberdade, associação a qual fazia parte, proferido em Berna, capital da Suíça no ano de 1868. Na situação, Bakunin se definiu politicamente uma das figuras mais conhecidas da Associação Internacional dos Trabalhadores, mais conhecida por Primeira Internacional. Pelo trecho abaixo do discurso é possível apreender os valores de Bakunin:

Detesto a comunhão, porque é a negação da liberdade e porque não concebo a humanidade sem liberdade. Não sou comunista, porque o comunista concentra e engole, em benefício do Estado, todas as forças da sociedade; porque conduz inevitavelmente à concentração de propriedade nas mãos do Estado, enquanto eu proponho a abolição do Estado, a extinção definitiva do princípio mesmo da autoridade e tutela, próprios do Estado o qual, com o pretexto de moralizar e civilizar os homens, conseguiu até agora somente escravizá-los, persegui-los e corrompê-los. Quero que a sociedade e a propriedade coletiva ou social estejam organizadas de baixo para cima por meio da livre associação e não de cima para baixo mediante a autoridade, seja de que classe for. Proponho a abolição do Estado, proponho ao mesmo tempo a abolição da propriedade pessoal recebida em herança, a qual não é senão uma instituição do Estado, uma consequência direta dos princípios do Estado. Eis aí senhores porque eu sou coletivista e não comunista (BAKUNIN, 1868 apud COSTA, 1996, p. 21-22)

Os princípios do coletivismo bakuniano estão nesse discurso. as comunidades federadas autônomas seriam as substitutas do Estado, garantidoras da liberdade individual, onde cada membro receberia de acordo com a sua necessidade, e todos realizariam trabalhos manuais ou intelectuais de qualquer área.

O comunismo-anárquico é de inspiração kropotiana, ganhou forças após a segunda metade do século XIX. Os anarco-comunistas defenderam durante anos a necessidade de organizar grupos formados apenas por indivíduos que propagassem a causa libertária. Kropotkin considerava o comunismo-anárquico como a verdadeira oposição à remuneração pelo que chamou de princípio das necessidades: cada indivíduo teria a capacidade e autonomia das suas próprias exigências, considerando que o poder político e a exploração econômica não existam mais e que todos realizam trabalho voluntário e sem obrigações.

De Stirner e sua “União dos Egoístas”, deu base para o Anarquismo-individualista e como o próprio nome sugere o ideal é o egoísmo. parte da ideia de que o indivíduo quando consegue se realizar apesar dos conflitos da coletividade da qual está inserido e com outros indivíduos, não foge de nenhuma luta, consegue avaliar qualquer situação do próprio ponto de vista, como um ser auto soberano, da união com outros como ele forma a União.

No século XX, as outras vertentes do anarquismo comunitário, coletivista, comunista e etc; desembocaram no movimento anarco-sindicalista, a expressão mais forte e massiva que encontrou o anarquismo em geral. (Costa, 1996) A greve geral seria o supremo instrumento estratégico revolucionário (Costa, 1996) dos anarco-sindicalistas, que analisavam a organização da sociedade em dois grupos distintos, os produtores e os parasitas, dedicando aos sindicatos a tarefa de unir os produtores para lutar.

Com tendência para revolução social que destruiria o sistema capitalista e começaria uma sociedade sem Estado e da qual economia seria de responsabilidade da confederação geral dos sindicatos. Criaram na Espanha em 1910 uma confederação de sindicatos autônomos, a Confederação Nacional do Trabalho CNT-AIT, que como define Costa (1996) foi “maior organização anarquista que o mundo já conheceu.”

Com a constância do movimento imigratório para a América, o anarquismo chegou na Argentina, no México, nos Estado Unidos e no Brasil, através principalmente de imigrantes italianos e espanhóis.

No Brasil é famosa sobretudo a greve de 1917, organizada e comandada pelos militantes anárquicos aqui radicados, muitos dos quais depois de perseguidos pela repressão do Estado e pelo stalinismo, que literalmente tentou arrasar com o anarquismo em todo o planeta, tendo o logrado totalmente na URSS (COSTA, 1996, p.37)

Apesar de todas tentativas de alcançar o sucesso rumo à revolução, os anarquistas nunca obtiveram o êxito esperado, independente do espaço e do tempo e liderança à frente:

Não se pode negar que ao combater o autoritarismo e todas as formas de poder os anarquistas tocaram o cerne do problema da modernidade. A ingenuidade e fraqueza das teorizações, nunca se apresentou como um corpo sistemático completo e acabado é a gênese do próprio anarquismo. E o anarquismo, não conseguiu jamais formar um organismo aglutinador e impulsionador de seus objetivos; apesar de seus esforços não logrou sequer abalar as estruturas do sólido Estado moderno. Eis seu fracasso e seu fascínio (COSTA, 1996, p.29)

## 1.2 Anarquismo Ontológico

Nesta seção trataremos das aspirações do autor do anarquismo ontológico, baseado na obra Zonas Autônomas Temporárias ou simplesmente TAZ, o livro publicado em 1980 a partir de estudos históricos sobre as utopias piratas, descreve a criação e propagação de espaços autônomos temporários como tática de resistência e esvaziamento do poder.

O conceito de TAZ surge inicialmente de uma crítica à revolução, e de uma análise do levante. A revolução classifica o levante como um “fracasso”. Mas, para nós, um levante representa uma possibilidade muito mais interessante, do ponto de vista de uma psicologia de libertação, do que as “bem-sucedidas” revoluções comunistas, burguesas, fascistas etc” (BEY, 1991, p.8)

A abordagem proposta por Hakim Bey vem das suas observações de como se organizavam e agiam os piratas e corsários do século XVIII, o que chamou a atenção do autor a ponto de ir mais a fundo em suas investigações, para ele foi o uso das redes de informação, que para auxiliaram as ações dos grupos.

Os piratas e corsários do século XVIII montaram uma "rede de informações" que se estendia sobre o globo. Mesmo sendo primitiva e voltada basicamente para negócios cruéis, a rede funcionava de forma admirável. Era formada por ilhas, esconderijos remotos onde os navios podiam ser abastecidos com água e comida, e os resultados das pilhagens eram trocados por artigos de luxo e de necessidade. Algumas dessas ilhas hospedavam "comunidades intencionais", mini sociedades que conscientemente viviam fora da lei e estavam determinadas a continuar assim, ainda que por uma temporada curta, mas alegre (BEY, 1991, p.3)

Podemos por assim dizer, que os piratas e corsários serviram de inspiração para Bey criar o próprio protótipo do que seria a melhor alternativa tática para contrapor o sistema tal como ele é, ao longo de toda a obra Bey exemplifica o que é e para que serve, como chegar no objetivo de todo o anarquismo.

Fui então em busca das fontes primárias e construí minha própria teoria, da qual discutiremos alguns aspectos neste ensaio. Eu chamei esses assentamentos de Utopias Piratas (BEY, 1991, p.3)

Não foi somente a organização social dos Piratas do século XVII, que ajudou os escritos do autor, a Ordem dos Assassinos<sup>7</sup> que foi popularizada pela série Assassin's Creed<sup>8</sup>, realmente existiu durante a Idade Média, foi fundada no século XI por Hassan Ibn Sabbah<sup>9</sup>, sendo este quem organizou e treinou todos do bando que podia chegar a cerca de 60 mil homens.

Os Assassinos medievais fundaram um "Estado" que consistia de uma rede de remotos castelos em vales montanhosos, separados entre si por milhares de quilômetros, estrategicamente invulneráveis a qualquer invasão, conectados por um fluxo de informações conduzidas por agentes secretos, em guerra com todos os governos, e dedicado apenas ao saber. A tecnologia moderna, culminando no satélite espião, reduz esse tipo de autonomia a um sonho romântico. No futuro, essa mesma tecnologia livre de todo controle político - pode tornar possível um mundo inteiro de zonas autônomas. Mas, por enquanto, o conceito continua sendo apenas ficção científica - pura especulação (BEY, 1991, p.3)

Nesse ponto chegamos na justificativa da TAZ, o que incomodava Bey, a essa altura o autor deixa visível sua opinião que é contrária aos anarquistas clássicos ou tradicionais, rebatendo a visão da realidade que eles tinham em suas épocas com a que o próprio Bey tem.

Estamos nós, que vivemos no presente, condenados a nunca experimentar a autonomia, nunca pisarmos, nem que seja por um momento sequer, num pedaço de terra governado apenas pela liberdade? Estamos reduzidos a sentir nostalgia pelo passado, ou pelo futuro? Devemos esperar até que o mundo inteiro esteja livre do controle político para que pelo menos um de nós possa afirmar que sabe o que é ser livre? Tanto a lógica quanto a emoção condenam tal suposição. A razão diz que o indivíduo não pode lutar por aquilo que não conhece. E o coração revolta-se diante de um universo tão cruel a ponto de cometer tais injustiças justamente com a nossa, dentre todas as gerações da humanidade (BEY, 1991, p.4)

Recordemos o escrito O conceito de Liberdade de Mikhail Bakunin, publicado em 1975 em Portugal, o livro se constitui em recortes de vários temas abordados por Bakunin ao longo de sua obra entre eles materialismo, idealismo e liberdade, como principal representante do

---

<sup>7</sup> Assassino viria de “*Assass*” – ou seja, “os fundamentos” da fé islâmica

<sup>8</sup> Série de jogos eletrônicos de ação-aventura criada pela Ubisoft.

<sup>9</sup> Fundador da Ordem dos Assassinos, conhecido como O Velho da Montanha.

anarquismo coletivista, e portanto, anarquismo tradicional, entendemos que Bey é crítico a ele, quanto pensamento e modo de atuação

Dizer "só serei livre quando todos os seres humanos (ou todas as criaturas sensíveis) forem livres", É simplesmente enfiar-se numa espécie de estupor de nirvana, abdicar da nossa própria humanidade, nos definir como fracassados (BEY, 1991, p.4)

Trazemos para a narrativa as chamadas Ilhas na rede, mais um conceito utilizado para inserir a ideia da TAZ, as ilhas seriam o conjunto de informações que sustentariam as redes, é parte da atuação dos Piratas e Corsários:

através das histórias sobre "ilhas na rede", possamos coletar evidências suficientes para sugerir que um certo tipo "enclave livre" não é apenas possível nos dias de hoje, mas é também real. Toda minha pesquisa e minhas especulações cristalizaram-se em torno do conceito de ZONA AUTÔNOMA TEMPORÁRIA (daqui por diante abreviada por TAZ). Apesar de sua força sintetizadora para o meu próprio pensamento, não pretendo, no entanto, que a TAZ seja percebida como algo mais do que um ensaio ("uma tentativa"), uma sugestão, quase que uma fantasia poética. Apesar do ocasional excesso de entusiasmo da minha linguagem, não estou tentando construir dogmas políticos. Na verdade, deliberadamente procurei não definir o que é a TAZ - circundo o assunto, lançando alguns fochos exploratórios. No final, a TAZ é quase autoexplicativa. Se o termo entrasse em uso seria compreendido sem dificuldades... compreendido em ação (BEY, 1991, p.3)

O capítulo dois intitulado *Esperando a revolução*, mais uma vez Bey expõe o motivo pelo qual é opositor do lema "Viva a Revolução" que de acordo com ele não serve para definir o que busca o anarquismo. O anarquismo tradicional de Bakunin e seus seguidores sim, mas aqueles que querem a mudança por outro meio, com certeza não.

Levante e insurreição são palavras usadas pelos historiadores para caracterizar revoluções que fracassaram - movimentos que não chegaram a terminar seu ciclo, a trajetória padrão: revolução, reação, traição, a fundação de um Estado mais forte e ainda mais opressivo -, a volta completa, o eterno retorno da história, uma e outra vez mas, até o ápice: botas marchando eternamente sobre o rosto da humanidade. O slogan "Revolução!" transformou-se de sinal de alerta em toxina, uma maligna e pseudo-gnóstica armadilha do destino, um pesadelo no qual, não importa o quanto lutamos, nunca nos livramos do maligno ciclo infinito que incuba o Estado, um Estado após o outro, cada "paraíso" governado por um anjo ainda mais cruel (BEY, 1991, p.4)



Nem o tempo passado e nem a história contada pelos homens ao seu bel-prazer, para Bey são capazes de provar que a revolução é sim possível e que o levante<sup>10</sup> nem é possível e relevante para pensar o anarquismo.

Se História é "Tempo", como declara ser, então um levante é um momento que surge acima e além do Tempo, viola a "lei" da História. Se o Estado é História, como declara ser, então o levante é o momento proibido. A História diz que uma Revolução conquista "permanência", ou pelo menos alguma duração, enquanto o levante é "temporário". Nesse sentido, um levante é uma "experiência de pico" se comparada ao padrão "normal" de consciência e experiência. Como os festivais, os levantes não podem acontecer todos os dias - ou não seriam "extraordinários". Mas tais momentos de intensidade moldam e dão sentido a toda uma vida (BEY, 1991, p.5)

Argumentos e destaque ao motivo capaz de evidenciar a razão pela qual, acredita o autor que a revolução não funciona na prática como parece funcionar na teoria e na mente daqueles que almejavam alcançá-la

Primeiro, a revolução até hoje não nos levou à concretização desse sonho. A visão ganha vida no momento do levante - mas assim que a "Revolução" triunfa e o Estado retorna, o sonho e o ideal já estão traídos. Não deixo de ter esperança, nem deixo de ansiar por mudanças - mas desconfio da palavra revolução. Em segundo lugar, mesmo se substituirmos a abordagem revolucionária pelo conceito de levante transformando-se espontaneamente numa cultura anarquista, a nossa situação histórica específica não é propícia para tarefa tão vasta. Absolutamente nada, além de um martírio inútil, poderia resultar de um confronto direto com o Estado terminal, está megacorporação/Estado de informações, o império do Espetáculo e da Simulação (BEY, 1991, p.6)

Sim, para Bey o anarquismo tradicional foi o que fracassou, não entregou o que prometia e a TAZ é uma nova maneira para confrontar o Estado, mas não diretamente, pelo fato de o Estado não ser capaz de reconhecê-la, como já vimos, o choque de maneira direta não é eficaz

não queremos dizer que a TAZ é um fim em si mesmo, substituindo todas as outras formas de organização, táticas e objetivos. Nós a recomendamos porque ela pode fornecer a qualidade do enlevamento

---

<sup>10</sup> Como já mencionado anteriormente, levante é o nome dado para as revoluções que não cumpriram com o ciclo.

associado ao levante sem necessariamente levar à violência e martírio. A TAZ É uma espécie de rebelião que não confronta o Estado diretamente, uma operação de guerrilha que libera uma área (de terra, de tempo, de imaginação) e se dissolve para se refazer em outro lugar e outro momento, antes que o Estado possa esmagá-la. Uma vez que o Estado se preocupa primordialmente com a Simulação, e não com a substância, a TAZ pode, em relativa paz e por um bom tempo, "ocupar" clandestinamente essas áreas e realizar seus propósitos festivos. Talvez algumas pequenas TAZs tenham durado por gerações - como alguns enclaves rurais - porque passaram despercebidas, porque nunca se relacionaram com o Espetáculo, porque nunca emergiram para fora daquela vida real que é invisível para os agentes da Simulação (BEY, p.6)

Iniciar a TAZ pode envolver várias táticas de violência e defesa, mas seu grande trunfo está em sua invisibilidade - o Estado não pode reconhecê-la porque a História não a define. Assim que a TAZ é nomeada (representada, mediada), ela deve desaparecer, ela vai desaparecer, deixando para trás um invólucro vazio, e brotar novamente em outro lugar, novamente invisível, porque é indefinível pelos termos do Espetáculo<sup>11</sup>. Assim sendo, a TAZ é uma tática

perfeita para uma época em que o Estado é onipresente e todo-poderoso, mas, ao mesmo tempo, repleto de rachaduras e fendas. E, uma vez que a TAZ é um microcosmo daquele "sonho anarquista" de uma cultura de liberdade, não consigo pensar em tática melhor para prosseguir em direção a esse objetivo e, ao mesmo tempo, viver alguns de seus benefícios aqui e agora (BEY, 1991, p. 6)

Em suma, uma postura realista exige não apenas que desistamos de esperar pela "Revolução", mas também que desistamos de desejá-la. "Levantes", sim - sempre que possível, até mesmo com o risco de violência. Os espasmos do Estado Simulado serão "espetaculares", mas na maioria dos casos a tática mais radical será a recusa de participar da violência espetacular, retirar-se da área de simulação, desaparecer.

A Revolução fechou-se, mas a possibilidade do levante está aberta. Por ora, concentramos nossas forças em "irrupções" temporárias, evitando enredamentos com "soluções permanentes". O mapa está fechado, mas a zona autônoma está aberta. Estamos à procura de "espaços" (geográficos, sociais, culturais imaginários) com potencial de florescer como zonas autônomas. O fim da Revolução e o fechamento do mapa são, no entanto, apenas as fontes negativas da TAZ: ainda há muito a

---

<sup>11</sup> Aqui há referência à *Sociedade do Espetáculo* de Guy Debord, publicação de 1967. Referência justificada por uma das definições do Espetáculo "em geral, como inversão completa da vida, é o movimento autônomo do não-vivo" (DEBORD, 1967, p.9)

dizer sobre as suas inspirações positivas. Reação somente não pode gerar a energia necessária para "manifestar" uma TAZ um levante também precisa ser a favor de alguma coisa (BEY, 1991, p. 8)

Gilles Deleuze (1925-1995) filósofo francês juntamente com o também filósofo e psicanalista francês Félix Guattari (1930-1992) produziram uma vasta obra que envolvia saberes como a literatura, a arte, a ciência, a política e a psicanálise. Sendo ambos do campo filosófico com produções que segundo Cunha (2014) abriga um extenso rol de conceitos – máquina de guerra, nomadismo, devir minoritário, entre outros – que está diretamente associado ao estudo das chamadas sociedades primitivas o que torna necessário, em um primeiro momento, traçar uma forma específica de genealogia dos conceitos deleuze-guattarianos”.

O nomadismo psíquico como uma tática, aquilo que Deleuze e Guattari metaforicamente chamam de "máquina de guerra", muda o paradoxo de um modo passivo para um modo ativo e talvez até mesmo "violento". Os últimos espasmos de "Deus" e seus sacolejos no leito de morte vem se arrastando por tanto tempo - nas formas do capitalismo, fascismo e comunismo, por exemplo - que ainda existe muita "destruição criativa" para ser executada por comandos ou apaches (literalmente, inimigos) pós-bakunianos e pós-nietzscheanos. Esses nômades exercitam a razzia, são corsários, são vírus. Sentem tanto o desejo quanto a necessidade de TAZs, acampamentos de tendas negras sob as estrelas do deserto, interzonas, oásis fortificados escondidos nas rotas das caravanas secretas, trechos de selva e sertões "liberados", áreas proibidas, mercados negros e bazares underground (BEY, 1991, p.11)

John Zerzan (1943), filósofo e escritor norte-americano, considerado um dos expoentes do anarcoprimitivismo<sup>12</sup> tendo se destacado na segunda metade da década de 1980, entre outros ensaios publicou em 1994 o título Futuro Primitivo defendendo formas inspiradas no modo de vida das sociedades humanas pré-históricas como modelos de sociedades plenas de liberdade. Robert Charles Black Jr mais conhecido por Bob Black (1951), advogado anarquista

---

<sup>12</sup> “A anarquia é cada vez mais primitivista. Sabemos que a tecnologia não é "neutra", e incorpora o sistema sugador de vidas que está nos cercando. Civilização, que é baseada na divisão de trabalho e domesticação, também deve ser abolida. Sua lógica desdobradora tem nos levado para a atual condição de vazio, destruição e patologia.” (ZERZAN, Anarco-Primitivismo)

estadunidense, um dos precursores da corrente anarquista conhecida como pós-esquerdismo<sup>13</sup>, publicou em 1985 *A abolição do Trabalho e Outros Ensaios*.

Zerzan e Black de alguma forma, talvez possam ser percebidos como sintomáticos de uma cultura radical de desaparecimento, parcialmente inconsciente e parcialmente consciente, que influencia mais pessoas do que qualquer ideia anarquista ou de esquerda. Esses gestos são feitos contra instituições, e nesse sentido são "negativos" - mas cada gesto negativo também sugere uma tática "positiva" para substituir, em vez de simplesmente refutar, a instituição desprezada (BEY, 1991, p.27)

Zerzan (1994) busca o retorno para relações autênticas entre o mundo não mediado pelo pensamento simbólico<sup>14</sup>, descreve que a natureza humana está caracterizada pela submissão e exaustiva renúncia, e ao que parece a autoridade é um benefício que nos salva da selvageria do que foi nossa natureza humana, por durante aproximadamente dois milhões de anos, antes de nossa submissão aos sacerdotes, reis e patrões. (Zerzan, 1994)

Segundo o pensamento de Black (1984) da teoria de rejeição ao trabalho nunca ninguém deveria trabalhar o argumento do autor se baseia em definir o trabalho e desprezá-lo, ele é executado para que alguém saia beneficiado de sua produção. É uma prova em todas as sociedades independente de como elas se organizam, os trabalhadores não só trabalham como devem executar tarefas e serem disciplinados, a disciplina é o diabólico modo moderno de controle (Black, 1984) e trabalhar é alugar energia por um certo limite de tempo para o lucro dos patrões. Trabalhadores são escravos temporais e tudo o que fazem é controlado pelo patrão e pelo Estado onipotente e inquisidor.

Black conversa com Bey sobre dois aspectos: o primeiro, a recusa ao trabalho e o segundo, o Estado onipotente e controlador. A respeito da recusa ao trabalho para Bey é um “gesto negativo” feito contra as instituições; não somente o trabalho é um gesto negativo como podem ser também o ensino, a política, a igreja, o lar e a família, para cada gesto negativo existe o gesto positivo, o gesto positivo ao trabalho seria mais empregos autônomos. Já Black faz uma

---

<sup>13</sup> Corrente anarquista que problematiza a relação do anarquismo com a esquerda tradicional. Chamado ainda de Anarquia pós-esquerdismo ou Anarquismo pós-esquerdista.

<sup>14</sup> “Invoca ao homem das cavernas e Neandertal para nos lembrar onde estaríamos sem a religião, o Estado e os trabalhos forçados”.

crítica a como é visto o ato de trabalho e como ele é imposto é injusto e que sua abolição é possível já que boa parte de todo o trabalho é excesso

É hoje possível abolir o trabalho e substituí-lo, na medida em que sirva para fins positivos, por uma panóplia de atividades de um tipo novo. A abolição do trabalho requer uma abordagem sob dois pontos de vista distintos. O quantitativo e o qualitativo. No que diz respeito ao aspecto quantitativo, temos de reduzir drasticamente a quantidade de trabalho que está sendo feita. Presentemente, a maior parte do trabalho é inútil ou pior do que isso, por conseguinte, deveríamos ver-nos livres dele. Por outro lado- e penso que este é o cerne da questão e o novo ponto de partida revolucionário, teremos que agarrar no que é importante fazer e transformar essa atividade numa agradável variedade de divertimento, arte e passatempo (BLACK, 1984, p.25)

Quando Black se refere a guarda do Estado que controla cada mínimo detalhe da vida de cada cidadão, a autoridade nos mantém debaixo de sua estreita vigilância

a dissidência e a desobediência são punidas. Tudo isso é suposto ser má coisa (BLACK,1984 p.11)

Black / Zerzan/ Deleuze e Guattari, dialogam com Bey sob óticas particulares, o autor articula o pensamento de cada intelectual para enriquecer a sua construção teórica e não só esses que detém conhecimento reconhecido dentro da academia, chamamos atenção para isto em razão da escolha de Bey fazer referência às Utopias Piratas, que foi construída a partir de suas observações dos Piratas e Corsários do século XVIII que montaram a própria rede de informações que funcionava de forma admirável mesmo sendo primitiva, Bey buscou as fontes primárias sobre o assunto o que contribuiu para a escrita do livro TAZ: Zonas Autônomas Temporárias.

Para nós, a princípio, o Clube da Luta se encaixaria no conceito de zona autônoma temporária, criado e difundido por Bey, como um protótipo. Hipótese que se justificaria pelas características do Clube que se aproximam de uma TAZ, pelas contribuições teóricas dos escritos que compõe o pensamento do autor, e que também se aproximam do anarquismo tradicional,

A crença de que o indivíduo é por natureza cooperativo, sociável e altruísta, de que o Estado é sinônimo de coerção e perpetuação de desigualdade, de que o anarquismo 'não é apenas um movimento presente na política e na economia, ele é um estilo de vida que influencia

todos os meios da vida do indivíduo, e que é o que pode fazê-los enxergar que através da emancipação de todos a sociedade poderá ser livre.

Apesar de as abordagens serem divergentes em alguns aspectos como vimos, todos eles concordam o quanto a liberdade é um valor extremamente importante.

## II- O CLUBE

“Não se pode matar a ideia a tiros de canhão, nem tampouco acorrenta-lo”

Louise Michel

Charles Michael Palahniuk, nasceu em 21 de fevereiro de 1962 e passou sua primeira infância em uma casa móvel em Burbank, Washington. Seus pais, Carol e Fred Palahniuk, se separaram e se divorciaram quando tinha quatorze anos. Frequentou a Universidade de Oregon, formando-se em jornalismo no ano de 1986.

Atualmente, Chuck é escritor e jornalista, reside em Portland, Oregon, nos Estados Unidos. Para além do romance Clube da Luta, Palahniuk escreveu outros 21 livros, que venderam mais de 5 milhões de cópias nos Estados Unidos.

Chuck ficou famoso ao capturar seus tipos a partir de experiências reais. Trabalhou como caminhoneiro e mecânico e teve uma dose generosa de tragédias familiares – o pai foi assassinado e o avô se matou. Considerado um clássico moderno desde sua publicação em 1996, o livro “Clube da Luta” consagrou Chuck Palahniuk como um dos mais importantes e criativos autores contemporâneos.

O conto original de sete páginas, que acabou se transformando no capítulo seis do livro, foi criado em um curso de escrita criativa, descreve a icônica cena em que o narrador senta em sua cadeira de trabalho e, visivelmente ferido, chama a atenção de seu chefe. Porém, obedecendo às regras do Clube da Luta, não pode revelar nenhum detalhe sobre o que faz depois do expediente.

Nada é estático. Até a Mona Lisa está caindo aos pedaços. Desde que o clube da luta começou metade dos meus dentes está mole (PALAHNIUK, 2012, p.58)

A narrativa chamou a atenção de editores norte-americanos, e o livro foi vendido para a W.W Norton, Chuck escreveu a primeira versão da obra em três meses após receber um pequeno adiantamento. O livro ganhou o prêmio Pacific Northwest Booksellers Award e o Oregon Book Award de melhor livro em 1997.

Para a história de sete páginas virar um livro de duzentas e cinquenta e sete, Palahniuk só precisou acrescentar as histórias que seus amigos contavam, a ideia era bem simples:

apresentar um novo modelo social para os homens, já que nas livrarias haviam vários, só que para as mulheres.

Escrito na última década do século XX, o importante no clube não é a luta em si, mas as regras e por isso existem as oito regras do Clube da Luta: 1) Você não fala sobre o clube da luta. 2) Você não fala sobre o clube da luta. 3) Quando alguém diz pare ou fica desacordado, mesmo que esteja fingindo, a luta acaba. 4) Apenas duas pessoas por luta. 5) Uma luta por vez. 6) Sem camisa e sem sapatos. 7) As lutas duram o quanto tiver que durar. 8) Se for a sua primeira noite no clube da luta, você tem que lutar. É um clube para dar a esses homens uma estrutura, papéis, pertencimento, uma causa, uma tarefa, mas não de um jeito sentimental, um jeito novo de união, agrupamento.

A inspiração principal foi O grande Gatsby de F. Scott Fitzgerald, um romance que se passa na década de 20 pós primeira guerra mundial. A primeira ideia era sobre um sujeito que mentia sobre condições fatais em grupos de apoio, a segunda era sobre um cara que frequentava grupos de luta e a terceira sobre um homem que urinava em comida de hotel. Palahniuk misturou tudo isso com o espírito de O Grande Gatsby.

O estilo de escrita pode ser classificado como transgressor, facilmente identificado como uma tentativa de dizer algo de um jeito confuso e interessante. Especificamente em Clube da Luta, o autor estrutura a narrativa de forma tal que permite com que seja possível descrever os acontecimentos no passado, presente, de perto, de longe, juntar os detalhes, tornando o conjunto da obra coeso, e por mais simples que seja, consegue prender o leitor.

A obra é um romance que tem como característica a narrativa longa, com fatos criados ou relacionados a personagens que vivem conflitos, a marca principal desse tipo de texto é a relação temporal que se estabelece entre os fatos, mesmo que não sejam narrados na sequência temporal em que ocorreram, é sempre possível reconstituir essa sequência.

## 2.1 Narrativa

A narração é toda escrita em primeira pessoa, são todas as percepções do personagem principal, a história acompanha o cotidiano, a maneira como ele enxerga o seu derredor e como ele lida com os eventos vividos. Narrativas do gênero romance no geral apresentam cinco elementos em sua estrutura, são eles: personagens, espaço, tempo, narrador e trama.



O narrador é aquele que conta a história, ele faz parte da narrativa e não se confunde com o autor, pode ser também um dos personagens, chamado assim de narrador em primeira pessoa. E esse é caso do nosso personagem que curiosamente não se apresenta com um nome próprio, mas podemos chamá-lo de Joe, a partir do que ele mesmo diz em várias passagens.

Um homem solteiro por volta dos trinta anos, que não sabe muito bem se é de uma outra mulher que ele precisa. É tímido, passivo e indeciso, desanimado e sem muitas expectativas quanto ao seu futuro.

Ocupa o cargo de coordenador de recall<sup>15</sup> no Departamento Compliance e Débito de uma empresa automobilística. Por conta do trabalho, acordar nos principais aeroportos do país e ficar confuso com os horários fazia parte da rotina, além de encontrar praticamente tudo em kits miniatura e descartáveis, como produtos para higiene a até mesmo os alimentos para o jantar.

Até o meio da história ele não tem nome próprio, morava no décimo quinto andar de um arranha-céu, costumava deixar uma lista de tudo o que levava na mala na porta do quarto. Pouco sabemos do lar de onde ele veio, só que ele era o garoto de recados de seus pais e que quando tinha seis anos, seu pai foi embora de casa.

Adquiriu insônia e com ela passava semanas em claro, não conseguia fazer nada direito, nem dormir e nem ficar acordado, passou as madrugadas e ele entrou no ciclo, por recomendação médica procurou por grupos de apoio, formados por portadores de graves doenças sem cura ou já em estágio terminal. Lá consegui relaxar e chorar, passou a dormir tão bem quanto um bebê,

O Narrador tenta sobreviver no mundo da sua eficiência, rumo ao sucesso do capital, o que a narrativa mostra é que esse sucesso dificilmente é alcançado, a tentativa é alimentada pelo ciclo vicioso entre trabalho e consumo.

Os personagens são elementos que praticam ações e provocam o desenvolvimento da história, podem ser protagonistas ou secundários, nessa obra temos dois personagens, o Narrador que divide o corpo com Tyler Durden (segunda personalidade) e Marla Singer.

---

<sup>15</sup> Recall é o nome que se dá ao procedimento de devolução por parte dos consumidores aos fabricantes quando um determinado produto apresenta defeito de fabricação ou precisa ser substituído, seu trabalho consiste em verificar todas as peças de um automóvel após uma batida.

Marla Singer, a única personagem feminina, é descrita fisicamente pelos cabelos pretos, os olhos grandes, e a pele branca, ela também frequentava grupos de apoio. A filosofia de Marla é que ela podia morrer a qualquer momento, e era nos grupos de apoio que ela conseguia se sentir realmente viva, sentia na morte daquelas pessoas cada momento da vida, em contato com choro, estremelecimento, terror, remorso, perda e sofrimento ela se sentia viva.

A experiência de trabalhar em uma casa funerária não chegava aos pés dos Livres e Limpos, Para o Alto e Além, Homens Remanescentes Unidos e Crentes Fervorosos. Morava no apartamento 8G no último andar do Regent Hotel, roubava calças jeans das secadoras de lavanderias e vendia, sobrevivia das refeições que eram entregues aos seus vizinhos que já estavam mortos, não recorria ao trabalho, logo não pertencia a sociedade de consumo, expressão do cinismo, da falta de valores morais e de culpa.

Enquanto o Narrador (personalidade principal) se via frustrado com o ciclo vicioso de trabalho e consumo e nos grupos conseguia suas “férias”, Marla ia porque acreditava que todos tinham algo de errado. E mesmo com os dois tendo problemas diferentes que os levaram para o mesmo lugar, ainda é o personagem masculino o mais forte, ele possui recursos financeiros, enquanto a personagem feminina aparenta ser mais fraca e desequilibrada.

A segunda personalidade, Tyler Durden, morava sozinho na Paper Street, em uma casa alugada de três andares com sete quartos, um banheiro e o porão. Trabalhava em dois empregos noturnos, um projetista e o segundo de garçom no hotel Pressman, e ainda fabricava sabonetes. Se apresenta como um anticapitalista, rejeita o materialismo, acredita que só depois de perder tudo é que você está livre para fazer qualquer coisa, apenas depois do desastre é que podemos ressuscitar e depois de chegar no fundo do poço, ter sucesso de verdade.

A filosofia de Tyler era que o desastre fazia parte da evolução, rumo à tragédia e à dissolução. Tyler não queria morrer sem cicatrizes, e dele parte a ideia do clube da luta, pela metáfora de só saber mais de si mesmo através de uma briga, com o Narrador ele se sentiu seguro para propor essa ideologia e ele aceitou, juntos criaram o Clube da Luta.

O Clube da Luta era a maneira encontrada por Tyler para disseminar entre os homens de diferentes classes, idades e profissões os seus ideais contra as classes dominantes, representada pelas pessoas frequentadoras das festas onde ele, o Narrador e os demais começam a trabalhar de garçom, ou seja. eles começam a servir essas pessoas

Somos nós que lavamos suas roupas, preparamos sua comida e servimos o seu jantar. Somos os cozinheiros, os motoristas de táxi e sabemos tudo sobre vocês (PALAHNIUK, Chuck, 2012, p.206)

Tyler fez o Narrador refletir quanto ao modo de vida que ele estava acostumado a levar, como a grande maioria da população. Insatisfeita, deprimida, com problemas de socialização e lidando de forma errada com os objetos, colocando neles sua satisfação, usando o seu poder de compra para se sentir melhor.

Vemos que os estilos de vida são bem diferentes, enquanto o Narrador almeja construir sua carreira, Tyler queria mesmo autodestruição, que para ele essa seria uma forma de construção e de evolução. O primeiro a experimentar a autodestruição é o Narrador, ele sentia que a sua vida parecia completa demais que ele era perfeito demais e depois de conhecer Tyler ele quebrou tudo para construir algo novo e melhor em si mesmo.

Assim como o Narrador, o Clube é formado por homens insatisfeitos apesar de todo e qualquer estilo de vida, independente da profissão, da renda mensal, do carro que dirigiam, todos aqueles contadores, executivos ou advogados com o nariz quebrado e o olho roxo, depois de uma noite no clube que ia das duas às sete da manhã de domingo, eles podiam resolver qualquer coisa que não estivesse funcionando no mundo, todos queriam a mesma coisa e portanto precisavam do clube, precisavam se unir, individualmente não eram capazes e logo não eram nada.

A trama apresenta situações de conflitos e a partir dele se chega ao tema central do texto, aqui é o Projeto Desordem e Destruição. O Projeto foi criado por Tyler durante o café da manhã, nessa altura o Narrador morava com ele na Paper Street 420 há alguns meses e com eles setenta e dois membros recrutados, que dormiam em beliches militares compactos no porão.

O próprio Narrador fez a pedido de Tyler a lista dos itens requeridos para admissão dos candidatos, além de quinhentos dólares em dinheiro para custear o próprio enterro. Fazia parte desta lista: duas camisas pretas; dois pares de calças pretas; um par de coturnos pretos; dois pares de meias pretas; um casaco preto; uma toalha branca; um colchonete; uma tigela de plástico branca. Sem os itens o candidato não era aceito, nem um a mais nem um a menos.

Completo o escalão, foram criadas as Comissões e cada uma se reunia em um dia da semana: segunda-feira Comissão de Incêndios, terça-feira Comissão de Ataque, quarta-feira Comissão de Desordem, quinta-feira Comissão de Desinformação. Para cada reunião a pauta

era uma tarefa destinada a cada membro, a meta de Tyler era ensinar a cada um o poder de controlar a história.

O início do Clube da Luta serviu para encorajar esses homens dando a eles uma causa para continuar vivo, um objetivo compartilhado e que foi evoluindo para algo maior que exigiu deles maior comprometimento, a luta em si já não mais satisfazia mais e logo precisaria ser expandida para o restante da sociedade.

E foi aí que entrou em vigor o Projeto Desordem e Destruição, a destruição completa e imediata da civilização, detonar o mundo e deixá-lo livre da história, como fez o Clube da Luta quebrar algo bonito mesmo que seja a civilização para que pudessem fazer do mundo um lugar melhor.

Estruturado em cinco regras, ninguém sabia do se tratava somente Tyler, era ele quem tinha criado então ele sabia do andamento. Ainda que quisessem saber não podiam perguntar, essa era a primeira regra e também era a segunda: Não fazer perguntas.

A terceira regra: Nada de desculpas.

A quarta regra: Nada de mentiras.

A quinta regra: Confiar em Tyler.

Aos recrutados Tyler e o Narrador deram o nome de macacos espaciais. E assim, a casa na Paper Street virou a Companhia de Sabão da Paper Street, as equipes formadas pelos macacos espaciais plantavam, colhiam, cavavam, fabricavam sabão. Não viam. Não ouviam. Não falavam.

As ações dos personagens acontecem no tempo, o tempo psicológico é o tempo interior ao que ocorre dentro dos personagens. Sendo subjetivo não pode ser calculado ou medido. É o tempo da memória, das reflexões.

## 2.2 Projeto Desordem e Destruição

Capítulo dezesseis e capítulo dezessete relatam os ataques que o Clube da Luta organizou e executou de acordo com as ordens do Narrador, que mais como lições de casa para os membros dos Projetos e Comissões, as lições serviam “para construir coragem, construir seu

caminho no Projeto” (Palahniuk, 2012) a cada semana os membros sugerem o que as comissões farão e Tyler sorteia.

Como a escolha da ação é feita por meio de sorteio, apenas Tyler sabe quais eram, quais foram rejeitadas e quais foram aceitas e nem qual foi o membro que executou tal ação, todos só sabiam da ação quando saía nos jornais casos de invasão de escritórios pelos edifícios da cidade.

Comissão de Desordem do Projeto Desordem e Destruição “a série de fotos do edifício Parker Morris estará em todos os livros de história.” Na última foto, a torre e todos os seus cento e noventa e um andares caem sobre o museu nacional, que é o verdadeiro alvo de Tyler. O grande ataque à instituição descrito é o ao edifício Parker-Morris, tudo precisava ser grandioso, “uma ópera da morte”.

Começa a contagem regressiva para demolição do edifício Parker-Morris de 191 andares, a partir daqui temos uma sequência de fatos descritos quanto ao método e aos instrumentos utilizados pelo clube, como por exemplo, como fabricavam os próprios explosivos. Semelhante ao que o autor William Powell<sup>16</sup> escreve como um manual de nome *O Livro de Receitas Anarquistas* de 1971 publicado nos Estados Unidos pela editora Lyle Stuart. O livro também foi adaptado para o cinema em 2002 dirigido por Jordan Susman.

De início conhecemos as ações e como Tyler faz nitroglicerina, um composto químico explosivo, para fazê-la eles utilizavam vapor de ácido nítrico concentrado a 98% somado a três medidas de ácido sulfúrico e glicerina gota a gota. Ele ensina passo a passo, como em se fosse uma receita de bolo, mistura os ingredientes e pronto, desde napalm<sup>17</sup> até sabão.

Três maneiras de fazer napalm: a primeira é misturar partes iguais de gasolina e suco de laranja congelado e concentrado; a segunda é misturar partes iguais de gasolina e coca diet; a terceira é dissolver pó de serragem para gatos em gasolina até que a mistura engrosse (PALAHNIUK, Chuck, 2012, p.213)

Sabemos que no filme, diferente do livro, quando o Narrador conhece Tyler em meio a um voo, Tyler fabrica sabão, feito de gordura lipoaspirada e os vende para as mesmas pessoas que fazem lipoaspiração. Aqui temos uma das ironias do autor, quando os personagens criticam

---

<sup>16</sup> Publicou *O Livro de Receitas Anarquistas* como forma de protesto contra a guerra do Vietnã.

<sup>17</sup> É um conjunto de líquidos inflamáveis à base de gasolina, utilizado como armamento militar. Foi muito usado durante a Guerra do Vietnã.

as mulheres que pagam pela cirurgia plástica são as mesmas mulheres que compram sabão deles. O sabão simboliza purificação através da bagunça e desordem.

Para fazer sabão, primeiro você precisa derreter a banha - Panela no fogo com bastante água; coloque a banha e deixe ferver; quando a gordura ferver tempo suficiente para não ter mais sebo emergindo à superfície, jogue a água fora; leve a panela e encha com água limpa; repita o processo com o sebo todo retirado, ferva a água e vá retirando o que boiar; ferver e escumar; ponha o sebo separado em caixinhas de leite com a tampa cortada e coloque na geladeira (PALAHNIUK, Chuck, 2012, p.82 a 85)

O objetivo deles é sabotar a sociedade, o clube ao inverso da sociedade consumista e capitalista, voltada para a propaganda, é secreto e faz apologia ao desprendimento de bens materiais. Começa como uma forma de transgressão.

Os hematomas no corpo dos membros do clube seriam uma espécie de produto que os consumidores não podem consumir, já que a atuação deles como indivíduos é pelo consumo.

Jack busca satisfazer sua existência em outro lugar fora dela mesma: inicialmente, no consumo, o qual gera mais insatisfação; depois, quando essa insatisfação passa a se exprimir pela insônia, no grupo de doentes; depois, no desdobramento de sua personalidade em outra (Tyler Durden); na sequência, no clube da luta, no Projeto Caos, na explosão do sistema financeiro, em que destruição e autodestruição são claras respostas a um ódio, cada vez mais generalizado, à sua vida particular e à existência de modo geral (ALMEIDA, 2014, p.31)

Joe é insatisfeito com a realidade, essa insatisfação está materializada na insônia, a pulsão do personagem de frustração com a realidade se concretiza na duplicidade de sua personalidade, o que gera na criação de Tyler Durden. Com isso entendemos a razão de Tyler ter o comportamento oposto ao de Joe, como por exemplo, Tyler não vive na realidade de Joe, ele vive de acordo com a realidade dele mesmo e por isso é livre de maneira que Joe não é.

### 2.3 Masculinidade hegemônica

Notamos que o Clube da Luta foi fundado, liderado e composto apenas e exclusivamente por homens, de diversas idades, classe social, profissão, são indivíduos comuns, todos presos no sistema que Tyler Durden acredita que podem se libertar se entrarem para o clube e se fizerem as tarefas que são propostas.

Cada vez que realizamos essas pequenas lições de casa - Tyler diz-, esses homens do clube da luta não têm nada a perder acreditam um pouco mais no Projeto Desordem e Destruição (PALAHNIUK, Chuck, 2012, p. 207)

Em nenhum momento o autor diz porque somente homens podem participar, o que podemos é supor que Tyler é uma espécie de mestre que tem a missão de guiar seus seguidores no caminho certo. Mas a escolha traz para a obra um caráter masculinizante, em poucas passagens é mencionada figuras masculinas importantes como pai e como essa figura é influente na vida do Narrador, por exemplo, ele diz que foi o pai que sugeriu que fosse para a faculdade e que depois arrumasse um emprego e que depois de casasse. O pai seria então o “modelo masculino” para ele.

O “papel masculino” que existia nos anos 70, era entendido como o conjunto de atitudes que se esperava que os homens tomassem para que estivessem dentro do padrão de masculinidade, de forma estrita, esse conceito não era capaz de explicar todas as formas de masculinidade e logo, definia apenas uma. Nos anos 90, o pesquisador australiano Robert Connell defende que não existe uma forma de masculinidade, é importante antes defini-la. Segundo Connell (1995) ela é uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero.

Configurações práticas são as ações reais e não o que é esperado, estipulado. A prática é a ação formadora da masculinidade e é propositalmente racional. A posição dos homens, é o conjunto das relações sociais com a carga simbólica e física do comportamento dos homens na formação da masculinidade. O gênero está no seu sentido amplo, abarcando a economia, família, Estado, sexualidade, política. Se as masculinidades são construídas dessas formas, elas são também constantemente reconstruídas. As masculinidades estão constantemente mudando na história. (Connell, 2013)

Para compreender a política da masculinidade, o primeiro fato é a luta pela hegemonia, os homens lutam por domínio através da definição social da masculinidade. O padrão de masculinidade hegemônica pode ser contestado e mudado ao longo do tempo, assim como é possível a criação de novas formas de masculinidade hegemônica.

### III – OS PRINCÍPIOS ANARQUISTAS NO CLUBE DA LUTA

“Anarquia, este sonho de justiça e de amor entre os homens”

Errico Malatesta

O objetivo do terceiro capítulo, para além de encerrar este trabalho de conclusão de curso, é estabelecer correlação entre os princípios do que recortamos da totalidade do anarquismo, enquanto movimento social, movimento estético e modo/estilo de vida, que foram expostas no primeiro capítulo, o anarquismo tradicional e o anarquismo ontológico de Hakim Bey.

Compreendemos que o livro Clube da Luta, conteúdo segundo capítulo, é um manifesto<sup>18</sup> anarquista, e nos colocamos quanto pesquisadores, estudiosos e curiosos, entendedores do que para nós Chuck Palahniuk pretendia dizer quando em uma aula de escrita criativa fez o ensaio de apenas seis páginas, que mais tarde resultou em um livro rico de conteúdo, metáforas e críticas.

#### 3.1 Revolta

O próprio Palahniuk em entrevista<sup>19</sup> afirmou que o Clube é sobre o que pode haver de mais perigoso, as ideias. E portanto, podemos ter certeza que o clube não serve como tática prática de ação, de combate e enfrentamento direto por meio da coerção e violência. E apesar do fato de parecer no filme que a violência é o caminho para a “revolução”, nas páginas do livro podemos afirmar que não é disso que se trata.

Palahniuk tem uma maneira peculiar e sarcástica de detalhar os planos do Projeto Desordem e Destruição, o nome do projeto por si só já reflete essa prática, que acreditamos ser mais um detalhe que compõe a narrativa e contribui para a leveza da obra, mais um recurso, se tratando de um assunto difícil de digerir. De forma que qualquer pessoa pode ser o leitor da obra, quem não entende nada de temas como anarquismo, política, economia, trabalho, o

---

<sup>18</sup> Exposição, geralmente escrita em que se manifesta o que é preciso, ou o que se deseja que se saiba.

<sup>19</sup> Entrevista concedida à revista Rolling Stone Brasil, edição 97 de setembro de 2014.



sistema capitalista, a mídia e a propaganda, opressão, revolução social. Acreditamos que escrever sobre ideias, Palahniuk fala sobre a revolta contra os temas que são tratados em seu livro, porque os homens do Clube da luta são essencialmente homens revoltados e é isso que faz com que eles voluntariamente e por vontade própria se associem.

### 3.2 Crítica à sociedade de consumo e ao sistema capitalista

Percebemos ao longo dos capítulos que a intenção do autor é fazer com que o leitor se identifique com o personagem principal e se enxergue no lugar dele, e concorde com o seu discurso que atinge a propaganda, que no enredo é o que oprime

Há uma categoria de homens e mulheres jovens e fortes que querem dar a própria vida por algo, A propaganda faz essas pessoas irem atrás de carros e roupas de que elas não precisam. Gerações têm trabalhado em empregos que odeiam para poder comprar coisas que realmente não precisam (PALAHNIUK, Chuck, 2012, p.186)

A propaganda está presente no livro como mais um dos símbolos que faz parte da sociedade de consumo. Segundo o sociólogo e filósofo francês Jean Baudrillard em *A Sociedade de Consumo* (2008) a propaganda oriunda da mídia publicitária contribui para o tipo de relação que as pessoas desenvolvem com os objetos. O que implica na forma como os objetos são valorizados nessa sociedade de consumidores, quando a função é deixada de lado e passa a ser considerado o status que aquele objeto passa a representar, influenciados pela propaganda não compramos um mero objeto, compramos também o estilo de vida que ele carrega. E quando menos nos damos conta o consumo invade toda a vida, condicionando-a, organizando-a, homogeneizando integralmente todos os seus aspectos (Baudrillard, 2008)

Para ilustrar bem essa situação do estilo de vida, temos a decoração de casa do personagem principal, há uma cena no filme em que o ele folheia um catálogo com uma mão e com a outra pega o telefone e encomenda um abajur que acabou de ver, o objeto leva a assinatura de uma design, acreditando que precisa do abajur para terminar a decoração, ele o encomenda. Aos poucos ele vai enchendo a casa de objetos que sabemos que não são úteis para ele, mais como viu na revista a imagem ele acredita que sim e que quando estiver tudo completo e combinando ele se sentirá satisfeito.

A satisfação é um sentimento que na dinâmica do consumo não existe, é preciso que todos acreditem que precisam consumir para que mais seja produzido e assim o mercado esteja em constante funcionamento e não entre em colapso. Como podemos perceber pela leitura do livro, o colapso do sistema capitalista é exatamente o que o Clube da Luta almeja.

Em O sistema de objetos Baudrillard (2006) afirma que os objetos são signos que servem como mecanismo de discriminação social e prestígio, sendo assim, o que o clube da luta pretende é “devastar a vida dos signos em sociedade” pois desse modo os homens seriam todos iguais, sem status social, sem objetos para ostentar um estilo de vida uns para os outros, para Baudrillard vivemos de signos e ao abrigo de signos.

Nesse sentido, o consumo constitui uma ordem de significações, como a linguagem, ou como o sistema de parentesco das sociedades primitivas (Baudrillard,2008). A sociedade de consumo fala e se comunica através dos objetos-signos e dos bens, já que os objetos formam o código de linguagem dessa sociedade em relação a outros objetos.

A relação do nosso personagem principal, o Narrador, é exatamente esta, a perspectiva e a crença de que os objetos-signos que o cercam possuem um grande valor, o valor de o preencher e satisfazer suas necessidades, para ele os objetos não são apenas objetos:

Os buracos no peito são preenchidos enchendo-os de coisas, ou sonhando com fazer isso. E as coisas não só podem abraçar: elas também podem ser símbolos de ascensão social, salvo-condutos para atravessar as alfândegas da sociedade de classes, chaves que abrem as portas proibidas. A publicidade não informa sobre o produto que vende, ou faz isso muito raramente. Isso é o que menos importa. Sua função primordial consiste em compensar frustrações alimentar fantasias. Comprando este creme de barbear você quer se transformar em quem? (GALEANO, 2005, p.3)

### 3.3 Referência à Sociedade do Espetáculo

Podemos dizer que atrelado à propaganda e aos objeto-signos de Baudrillard está outro grande alvo do Clube da Luta que é o Espetáculo, este descrito por Guy Debord em *A Sociedade do Espetáculo* de 1967. A obra do escritor francês se desdobra sobre o consumo e a vida mediada por imagens.

Debord abre os comentários sobre a sociedade do espetáculo dizendo que toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos. (Debord,2003).

O espetáculo presente está na representação e nas relações sociais que são mediadas por imagens. Sob todas as suas formas particulares de informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto do entretenimento, o espetáculo constitui o modelo presente da vida socialmente dominante (Debord,2003). Logo, o espetáculo está em todos os lugares da nossa sociedade e se manifesta nas mais diversas coisas. Debord apresenta exemplos do que seria e como identificá-lo.

O personagem principal e Tyler vivem cercados por algo que pode se fazer material através da mídia e do consumo) que não sabem o nome, a quem nós recorremos a Debord e chamamos de Espetáculo. O clube da luta tece críticas relevantes a sociedade do espetáculo e aos simulacros, a sociedade de consumo e em como se tornou tão central na vida das pessoas e é tão naturalizado. É assim que as coisas funcionam quando se tem insônia. Tudo está muito longe, é a cópia da cópia da cópia. (Palahniuk, 2012)

O clube da luta quer resgatar a humanidade e o contato das relações humanas, humanos lidando com humanos ao invés de lidarem com mercadorias, visto que os homens vivem mais cercados por objetos do que por outros homens. A realidade considerada parcialmente reflete em sua própria unidade geral um pseudo mundo à parte, objeto de pura contemplação. (Debord, 2003)

Mais uma vez nos deparamos com os objetos-signos, no momento em que os homens param de adquirir para acumular e para projetar nos outros a vida que eles não possuem, é nesse momento que o *ter* vale mais do que o *ser*, são condicionados a busca “generalizada do ter e do parecer, de forma que todo o “ter” efetivo perde o seu prestígio imediato e a sua função última.” (Deboard, 2003)

### 3.4 Princípios anarquistas – sociedade, liberdade e propriedade

O anarquismo representa uma alternativa para a vida na sociedade do aparelhamento estatal, que oprime, repreende e fomenta as desigualdades. O plano inclui solidariedade, igualdade e liberdade, para que o modo de vida possa ser voltado para o querer individual, com trocas justas.

Há de se dizer que a luta do movimento é para que cesse a opressão, o autoritarismo e os privilégios, e com isso se inicie uma nova sociedade, alternativa, mais livre, mais igualitária, mais justa, centrada no indivíduo.

Destruam todas as instituições de desigualdade; fundem a igualdade econômica e social para todos, e nesta base erguer-se-á a liberdade, a moralidade e a humanidade solidária de toda a gente (BAKUNIN, 1975, p.21)

O cooperativismo pode ser definido como tática anarquista de emancipação popular, uma alternativa para a sociedade civil. Definido como um movimento social que procurou, através da associação, fugir de uma opressão social resultante de um determinado período histórico e de um determinado sistema, ou seja, o capitalismo concorrencial do século XIX (Costa, 2007)

O ideal anarquista é a organização da sociedade sem a presença do Estado. Pois conforme Bakunin (1975) o Estado representa a soma da negação das liberdades individuais de todos os seus membros, portanto, onde começa o Estado, ali acaba a liberdade individual.

A influência do Estado e da Igreja, são instituições que se impõe de forma autoritária, oficialmente e violentamente às massas (Bakunin, 1975) e a posição dos anarquistas é a total ausência deste

Os anarquistas sempre repreendiam a ação política, afirmando que a máquina do estado não deve ser tomada, mais abolida: que a revolução social não deve levar a ditadura de qualquer classe, mesmo do proletariado, mais a abolição de todas as classes (WOODCOOK 1975 p.27)

A sociedade cooperativa, autossuficiente, capaz de respeitar o meio-ambiente, proporcionando ao indivíduo integração com a natureza é possível porque esta é a natureza dos indivíduos, essencialmente cooperativa. Kropotkin (2007) afirma que o apoio mútuo é o fato predominante da natureza, o ser humano é naturalmente cooperante, sociável e altruísta. A sociedade civil, a propriedade privada, capitalismo exacerbado, são elementos que tornam os indivíduos competitivos e egoístas.

a única autoridade grande e poderosa e ao mesmo tempo natural e racional, a única que nós podemos respeitar, será a do espírito coletivo e público duma sociedade fundada na igualdade e na solidariedade, assim como na liberdade e no respeito humano e mútuo de todos os seus membros (BAKUNIN, 1975, p. 19)

Podemos afirmar que a sociedade pensada pelos anarquistas, em linhas gerais, é uma sociedade onde os indivíduos viveriam sem a participação do Estado e suas leis reguladoras, esta sociedade seria pautada no bem coletivo, isto porque os anarquistas enxergam no ser humano capacidade para o desenvolvimento de potencialidades individuais usadas em favor do coletivo, o ideal anarquista seria a emancipação de todos “ a sua individualidade humana, a sua liberdade, é pois produto da coletividade” (Bakunin,1975) de nada adiantaria um indivíduo livre enquanto todos os outros não sejam.

Não deve existir hierarquia social quanto a classe, gênero, escolaridade. Toda e qualquer forma de distinção entre os indivíduos de uma sociedade deveria ser abolida.

Em nenhum momento Palahniuk cita o Estado, não se coloca contra diretamente, mas de tudo o que vimos até aqui, podemos inferir que sim, ele é a favor da derrocada do Estado. O que como também entendemos não é sinônimo de desordem, fim da civilização e início da barbárie.

Palahniuk fala sobre a destruição do sistema capitalista e o consumismo fruto do capitalismo, que enxergam os indivíduos apenas como consumidores, quanto mais puderem consumir melhor, consumidores ideais que fomentam o sistema financeiro, os bancos e as empresas de crédito, consumidores que se importam mais com valores do que com preços e que assim estão dispostos a pagar por qualquer produto, os consumidores ideais são aqueles que compram o estilo de vida que “veem junto com o produto”. Para Palahniuk a mídia e a propaganda são tão cruéis e repressoras, promovem as desigualdades tanto quanto o Estado.

A produção em série, em escala gigantesca, impõe em todas as partes suas pautas obrigatórias de consumo. Esta ditadura da uniformização obrigatória é mais devastadora do que qualquer ditadura do partido único: impõe, no mundo inteiro, um modo de vida que reproduz seres humanos como fotocópias do consumidor exemplar (GALEANO, 2005, p.1-2)

As leis nessas sociedades são as leis naturais, para os anarquistas a natureza age segundo leis, “a lei da solidariedade social é a primeira lei humana; a liberdade é a segunda lei” com isso Bakunin (1975) quer dizer que as leis do Estado, que sejam do Direito, da legislação que

são leis criadas para limitar a liberdade dos indivíduos, não são leis naturais, elas não são inerentes ao ser humano. Para Bakunin, o natural é que os indivíduos busquem viver a solidariedade, qual seja viver com outros indivíduos, em coletividade.

Ainda sobre essa questão da solidariedade tão forte, presente nos escritos de Bakunin, a solidariedade humana é a “base material, intelectual e moral”, tão recorrente que configura as leis naturais, influência natural que os indivíduos exercem uns sobre os outros, somente porque estão em coletividade.

O anarquista imagina uma sociedade na qual as relações mútuas seriam regidas não por leis ou por autoridades auto impostas ou eleitas, mas por mútua concordância de todos os seus interesses e pela soma de usos e costumes sociais – não imobilizados por leis, pela rotina ou por superstições – mas em contínuo desenvolvimento, sofrendo constantes reajustes para que pudessem satisfazer as exigências sempre crescentes de uma vida livre, estimulada pelos progressos da ciência, por novos inventos e pela evolução ininterrupta de ideias cada vez mais elevados. Não haveria, portanto, autoridades para governá-los. Nenhum homem governaria outro homem; nem cristalização nem imobilidade, mas contínua evolução – tal como a que vemos na Natureza (WOODCOCK, 2007)

A questão da propriedade privada é também mais uma fonte de injustiça, legitimada pelo Estado, não sendo aceita pelos anarquistas, uma causa de todos os males, a propriedade deveria estar nas mãos de instituições voluntárias que, por sua vez, assegurariam a cada trabalhador o direito de usufruir do produto de seu próprio trabalho (Woodcock, 2007)

A posição frente a propriedade para Bakunin é esta:

Para fazer uma revolução radical, é necessário atacar as posições e as coisas. Destruir a propriedade e o Estado. E então, não se necessitaria destruir os homens, e condensar a reação infalível e inevitável que nunca deixou e nunca deixará de produzir em cada sociedade o sacrifício dos homens. (BAKUNIN, 1975, p.8)

A propriedade privada não faz parte do ideal anarquista porque além de ser legitimada pelo Estado, ela é concentrada em posse de poucos, o patrimônio é um bem material, não muito diferente de qualquer outro, em nossa sociedade não perde valor, a posse não deixa de ser símbolo de status social.

Ele (Estado) garante sempre o que encontra: a uns a sua riqueza, a outros a sua pobreza; a uns a liberdade baseada na propriedade, a outros

a escravatura, consequência fatal da sua miséria (BAKUNIN, 1975, p.30)

A sociedade atual não é justa, não é igualitária e nem solidária. O sistema capitalista está presente em toda parte, não há como escapar, o lucro é cobiçado e tudo vira produto comercializável, a soma de Estado mais capitalismo mais poder é igual a tiranias que escravizam o mundo.

No posfácio de Clube da Luta, Palahniuk conta como suas ideias foram transformadas em produtos, uma grife de roupas chamada Donatella Versace lançou uma coleção com o “visual clube da luta”, eram calças jeans com giletes costuradas.

O nome Clube da Luta por si só depois do lançamento do filme em 1999, virou um produto pronto para ser comercializado. Uma das ideias principais do livro é a crítica ao capitalismo, por ironia é um produto dele.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto libertário do anarquismo, expresso de diferentes formas, uma em cada corrente: individualismo, coletivismo, pacifismo, anarcossindicalismo, tem como o grande objetivo comum alcançar a liberdade em todos os âmbitos da vida cotidiana. Desde seu surgimento essa foi a proposta do anarquismo e se observarmos ao nosso redor, esse ideal ainda parece ser bastante distante de chegar, beirado a utopia.

Sendo o indivíduo o centro de todo projeto, e começada há tantos anos, em vários lugares do mundo, por tantas pessoas, podemos nos questionar por que até os nossos dias o anarquismo não deu certo no plano real. Em O conceito de liberdade, Mikhail Bakunin têm uma resposta satisfatória: porque a sociedade foi desde seu surgimento e consolidação foi baseada na autoridade e não na liberdade; no privilégio e não na igualdade; na exploração e não na fraternidade; na corrupção e na mentira e não na justiça e na verdade.

O Estado não é por eles reconhecido como legítimo, por não ser natural, ser autoritário, como forma de organização social devia ser passageira. O natural seria os indivíduos se autogerirem porque eles possuem capacidade para isso, tal capacidade só não é explorada porque assim os indivíduos não precisaram do Estado, e não é do interesse de alguns a sua completa aniquilação.

Indivíduos que se autogerirem não quer dizer o fim da sociedade, já que são sociáveis naturalmente e precisam conviver. Tal sociedade não é perfeita, se fosse deixaria de evoluir e esse não o objetivo. Os indivíduos e sociedade em constante evolução e crescimento, possível porque o capitalismo com o seu sistema de acumulação e a sensação de que se deve produzir mais e mais e enriquecer, não farão parte dessa sociedade.

O Narrador da nossa narrativa nem percebe que ele está desde que nasceu inserido dentro dessa sociedade, onde tudo o que ele precisa para viver custa, que ele precisa trabalhar para conseguir manter o seu estilo de vida. A medida em que ele vai se desgastando passa a não conseguir mais dormir, com a insônia e recomendação de um médico, ele começa a frequentar grupos de apoio de homens que tiveram câncer, e depois dessa experiência ele consegue dormir de novo. Temos aqui a primeira ruptura com a ciclo normal e rotineira da vida dele, e que conforme os clubes vão se espalhando porque a quantidade de homens aumenta consideravelmente, percebemos esse ciclo faz parte da vida de muitos outros.



Para o Narrador é normal e natural ter feito faculdade, arrumado um emprego de escritório, usar terno e gravata, consumir produtos que aparecem nas propagandas simplesmente porque ele não criou a sociedade

Para Tyler Durden só se é livre depois de perder tudo, tudo o que você possui, o que era para ser apenas coisas materiais descartáveis mais que passaram a possuir você, quando as coisas valem mais do que os indivíduos. No conceito de liberdade de Bakunin, só se é livre depois que todos os seres humanos, homens e mulheres, forem igualmente livres.

Os anarquistas almejavam destruir todas as formas de ordem impostas de cima pra baixo, para a construção de uma sociedade que permitisse a liberdade, destruição da hierarquia de classes e do poder político, o poder de decisão nas mãos de poucos que reflete na vida do restante.

A palavra destruição é recorrente na obra de Chuck Palahniuk, em algumas passagens o personagem Tyler Durden que pelo que sabemos no início é o grande mentor do Projeto Desordem e Destruição, projeto meio para chegar à destruição, do mundo para que assim possam fazer dele um lugar melhor, justo e livre para todos; destruição como forma de criação; destruição como autoconhecimento.

E como disse uma vez Bakunin: A paixão pela destruição é uma paixão criativa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, R. **O duplo e a ilusão no filme Clube da Luta**. Sessões do Imaginário, v.19, nº32, p.26-34, 2014. Disponível em:  
<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/18717>> Acesso: 08 de dezembro de 2018
- BAKUNIN, M. **O conceito de liberdade**. Portugal: Edições Rés Limitada, 1975.
- BEY, H. **TAZ- zona autónoma temporária**. Trad. Patrícia Decia e Renato Resende. Coletivo Sabotagem; Contracultura. Disponível em:  
<[http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/arq\\_interface/4a\\_aula/Hakim\\_Bey\\_TAZ.pdf](http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/arq_interface/4a_aula/Hakim_Bey_TAZ.pdf)> Acesso em: 21 de fevereiro de 2018
- BLACK, B. **A abolição do trabalho**. São Paulo: Projeto Periferia, 2004.
- BAUDRILLARD, J. **A sociedade do consumo**. Portugal: Edições 70, 2008.
- BAUDRILLARD, J. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- CORREA, F. **Surgimento e breve perspectiva histórica do anarquismo (1868-2012)**. São Paulo; Faísca Publicações Libertárias, 2013. Disponível em:  
<<https://ithanarquista.files.wordpress.com/2013/01/felipe-corr3aaa-surgimento-e-breve-perspectiva-histc3b3rica-do-anarquismo.pdf>> Acesso em: 10 de março de 2018
- COSTA, C.T. **O que é anarquismo**. 15 ed. São Paulo: brasiliense, 1999
- CONNELL, R. W. **Políticas da masculinidade**. Revista Educação e Realidade, v.20, nº2, p.165-206, jul./dez.1995. Disponível em:  
<<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71725>> Acesso em: 11 de agosto de 2018
- CONNEL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J.W. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v.21, nº1, p.241-282, maio 2013. Disponível em:  
<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104026X2013000100014>> Acesso em: 15 de junho de 2018.
- CUNHA, C.F.C. **Gilles Deleuze e o Pensamento Nômade: A Máquina de Guerra Primitiva**, p.58-65. In: Anais da VIII Semana de Orientação Filosófica e Acadêmica Blucher Philosophy Proceedings, v.1, nº1. São Paulo: Blucher, 2014. Disponível em:  
<<http://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/gilles-deleuze-e-o-pensamento-nmade-a-mquina-de-guerra-primitiva-9934>> Acesso em: 21 de maio de 2018

- GALEANNO, E. **O Império de Consumo**. Montevideo, 2005. Disponível em: <<http://latinoamericana.org/2005/textos/castellano/Galeano.htm>> Acesso em: 24 de outubro de 2018
- KROPOTKIN, P. **Os princípios anarquistas e outros ensaios**. São Paulo; Hedra, 2009
- KROPOTKIN, P. **Uma nova sociedade**. In: SELIGMAN, E.R.A. et al. Economia e Ciências Sociais. Rio de Janeiro; Zahar Editores, 1969
- MALATESTA, E. **Anarquismo e Anarquia**. São Paulo: Faísca Produções Libertária, 2009
- MOREIRA, E.; RÊGO, E.E. **Cooperativismo; uma breve discussão teórico-conceitual perpassando pelo socialismo utópico, marxista e anarquista**. Geografia em Debate, v.7, nº1, p.63-80, 2013. Disponível em: <<http://www.okara.ufpb.br>> Acesso em: 12 de novembro de 2018
- PALAHNIUK, C. **Clube da Luta**. São Paulo: Leya, 2012
- SILVA, R.V. **Indelévels Refratários: as estratégias políticas anarquistas e o sindicalismo revolucionário no Rio de Janeiro em tempos de redemocratização (1946-1945)** Rio de Janeiro: UFRJ (monografia em História), 2011a.
- SCHIMIDT, M.; VAN DER WALT, L. **Black Flame; the revolutionary class politics of anarchism and syndicalism**. Oakland: AK Press, 2009
- THOREAU, H.D. **A desobediência civil**. Trad. Sérgio Karam. Porto Alegre: L&PM, 1997 Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cdrom/thoreau/thoreau.pdf>> Acesso em: 20 de março de 2018
- WOODCOCK, G. **Anarquismo: uma história das ideias e movimentos libertários Vol.1: A ideia**. Porto Alegre: L&PM, 1975
- WOODCOCK, G. **História das ideias e dos movimentos anarquistas Vol.1: A ideia**. Porto Alegre; L&PM, 2007
- WOODCOCK, G. **Os grandes escritos**. Porto Alegre: L&PM, 1981
- ZERZAN, J. **Futuro Primitivo**. São Paulo: Coletivo Sabotagem, 1994. Disponível em: <<https://we.riseup.net/assets/212498/2230629-john-zerzan-futuro-primitivo-120513130129-phpapp02.pdf>> Acesso em: 15 de abril de 2018